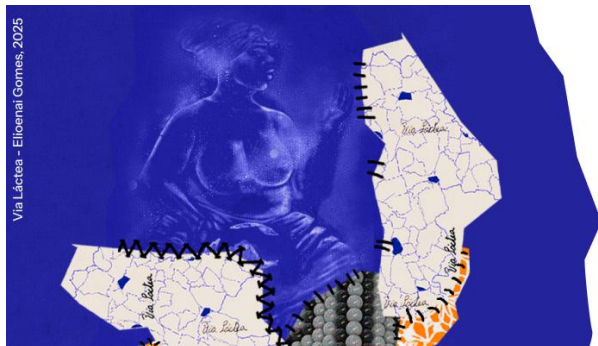




PERDOA-ME POR ME DEFENDERES: EXPERIMENTAÇÕES DE JIU-JITSU E TEATRO NO ENSINO MÉDIO COM A PEÇA “PERDOA-ME POR ME TRAÍRES” DE NELSON RODRIGUES

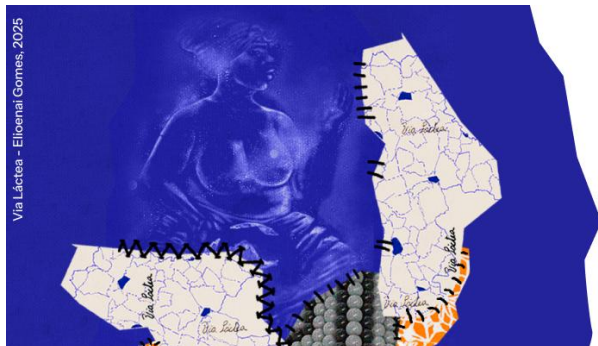
Júlia Rehder¹ – UNB

Este resumo expandido apresenta o processo de minha sequência didática “Perdoa-me por me defenderes”, uma minhas primeiras experiências lecionando como estagiária e aplicando minha metodologia jiu-cênica, mais profundamente explorada na monografia que estou escrevendo para o curso de Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília (UnB). O estágio em questão é o obrigatório supervisionado em Ensino Médio (EM), acompanhando a matéria de Artes, e foi realizado em uma Escola Pública de EM no Distrito Federal (DF). A metodologia jiu-cênica consiste em mesclar os conhecimentos do teatro e do jiu-jitsu brasileiro a fim de trabalhar consciência corporal, autocontrole, empatia, além de construções de cenas e personagens a partir de conhecimentos de luta e defesa pessoal.

Durante meu período de observação no estágio conversei com a professora supervisora sobre quais conteúdos ela gostaria que eu abordasse e ela me disse que faria questão das obras do PAS, principalmente as teatrais, estarem presentes nas aulas regulares e que eu estaria livre para lecionar o que quisesse nas aulas eletivas.

A UnB possui um método de admissão chamado Programa de Avaliação Seriada (PAS), no qual avalia os alunos do EM durante os três anos, aplicando uma prova por ano. O PAS tem um enfoque muito importante na área artística, lançando todo ano, junto do edital, a Matriz de Referências do PAS, que contém diversas obras que serão cobradas na prova daquele ano, sendo elas literárias, quadros, esculturas, poemas, músicas, peças de teatro, entre outras. Conversando com meus colegas da graduação percebi que as aulas sobre obras do PAS eram um padrão nos estágios

¹ Júlia Rehder é aluna e formanda do curso de Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília (UnB). É também atriz, performer, cantora, professora e faixa azul de jiu-jitsu brasileiro, do qual faz aula há mais de quatro anos. *E-mail:* julia.rehder.rodrigues@gmail.com



de EM, e confirmei esse padrão ao ler o artigo de Eduardo e Rafael:

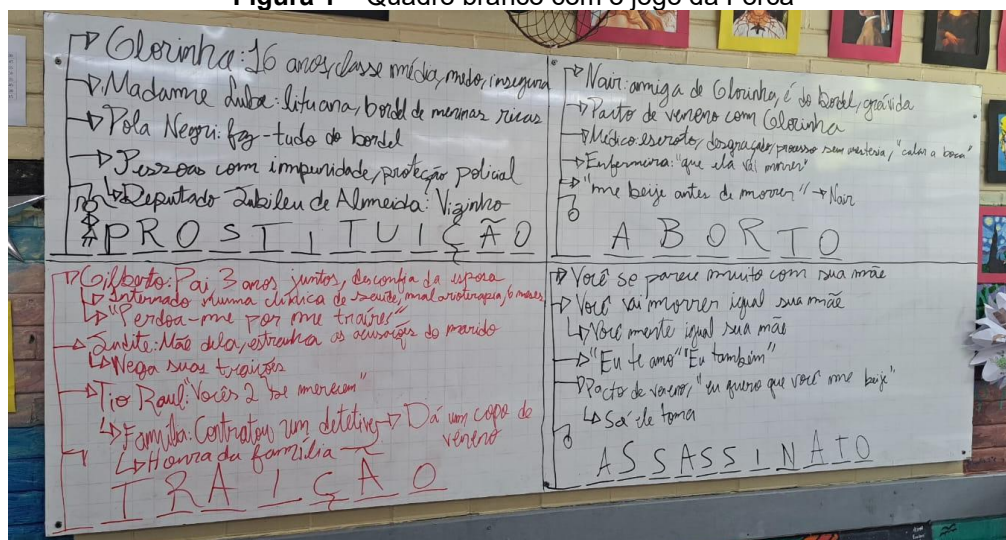
O Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília (PAS/UnB) tem sido a base para influenciar os conteúdos estudados há mais de vinte anos nas escolas de ensino médio do Distrito Federal. Seu poder sobre as escolas particulares é tão grande que é possível afirmar que enquanto tiverem itens sobre as Artes Cênicas nas provas do PAS e do vestibular da UnB (que é orientado pela matriz de referência do PAS), a matéria será mantida na grade-horária dessas escolas e os empregos de docentes serão mantidos. (Batista; Villas Bôas, p.31, 2023)

Por questões de logística, eu só poderia lecionar duas aulas de dois horários durante as aulas eletivas, então escolhi que seria para a turma do terceiro ano do EM. A partir da Matriz de Referências deles, escolhi a peça “Perdoa-me por me traíres” de Nelson Rodrigues, por ela ser mais recorrente no PAS e por abordar a temática da violência contra a mulher, com diversas cenas de agressão às personagens femininas do texto.

O slide nunca foi algo que me agradou para aulas expositivas, pois apesar de ser útil para o dia a dia, queria aproveitar a experiência do estágio para testar algo diferente. Eu tive a ideia de usar a força como elemento metodológico, trazendo a ironia de uma brincadeira infantil literalmente enforcar alguém. A partir disso, dessa brincadeira “suave”, trabalharia os temas também “suaves” da peça a partir de quatro palavras centrais: prostituição, aborto, traição e assassinato.

Pedi para cada aluno ir falando uma letra e quem soubesse a palavra poderia falar. Então, a partir disso, introduzi a história da peça, puxando setas das temáticas abordando os personagens e os acontecimentos da história, dando pausas e momentos de suspense para que os alunos tentassem adivinhar o que aconteceria a seguir. Deu pra ver inclusive a curva do interesse pela história subindo cada vez que a aula seguia, nem todos falavam ou comentavam, mas muitos prestavam atenção, inclusive discutindo entre si as informações com aqueles que se perderam no meio do caminho: “Não po! A Judite é mãe dela e não irmã, presta atenção!”. Ao final da aula perguntei o que eles acharam e eles disseram que amaram e que acharam muito divertido, além de frisar que “o povo dessa peça é tudo doido professora, credo”.

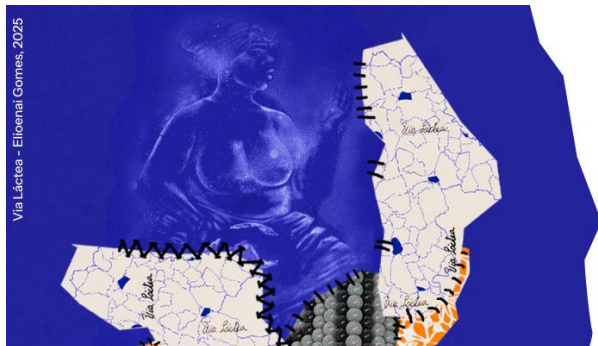
Figura 1 – Quadro branco com o jogo da Força



Fonte: A autora.

A segunda aula da minha sequência didática foi prática e é o foco desse resumo. A professora fez uma propaganda pela escola de que teria uma aula de teatro e jiu-jitsu e, no final, conseguiu mais uma turma de 3º ano para participar, totalizando uma média de 30 pessoas. Convidei meu noivo, também praticante de jiu-jitsu, para me auxiliar a demonstrar os movimentos de defesa pessoal, tudo combinado com a coordenação escolar. Como a primeira aula foi bem sucedida, os professores de educação física e português juntaram suas turmas e lecionamos para mais duas turmas de terceiro ano, sendo também uma média de 30 pessoas.

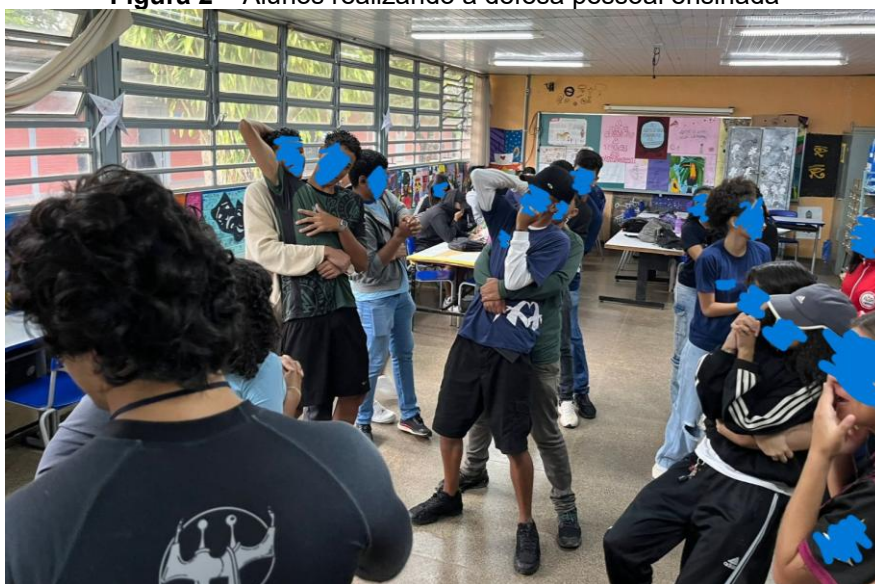
Comecei com um jogo teatral simples, o “esse aqui não é um..”, para quebrar o gelo entre os alunos, afinal vários não tinham contato com jogos teatrais e poderiam se soltar. E então, o próximo jogo, que já introduziria os temas da peça, era virar de costas pra roda e virar fazendo uma estátua com alguma palavra que eu falasse, como “professor”, “bullying” e “prostituta”. Depois, dividi a turma em grupos e pedi que eles encenassem quatro cenas de agressão existentes na peça, separadas por mim, explicando os personagens e o contexto da cena para quem não conhecia a história. Seguindo, ensinei as defesas pessoais das cenas encenadas, e a ideia é que eles re-encenassem com as defesas pessoais, construindo um novo final para essas personagens que estavam sofrendo a agressão, mas infelizmente não deu tempo.



Acabei tendo a oportunidade de realizar essa sequência didática com os meus colegas de curso na UnB, finalmente conseguindo finalizá-la, de maneira que os participantes recriaram as cenas com as vítimas se desvencilhando e agredindo seus agressores.

Pude perceber a partir das aulas práticas, que os alunos, no começo, ficaram muito tímidos, mas o segundo jogo já foi os deixando mais à vontade, de forma que na hora de construir a cena foi mágico como eles se transformaram e levaram o jogo extremamente a sério. A devolutiva dos professores foi muito positiva, frisando que a multidisciplinaridade dos temas era o ponto forte, além da interação entre alunos que normalmente não trabalhariam juntos ou nem se falariam, sendo inclusive uma oportunidade de conhecerem as outras turmas da escola.

Figura 2 – Alunos realizando a defesa pessoal ensinada



Fonte: A autora.

Ao utilizar a defesa pessoal em pequenas cenas de teatro, acabei trabalhando muitas dessas questões significativas no âmbito psicofísico dos alunos. Demonstrei que o corpo do aluno também faz parte de seu aprendizado e, não só faz parte como o completa, exatamente por já estar incluso, apesar de não utilizado no dia a dia da sala de aula. A utilização do corpo no ensino das lutas é inevitável e ajuda a vencer algumas barreiras do contato físico, pois as lutas de curta distância são modalidades

de combate que se caracterizam pela ação motora do agarre e pela proximidade física entre os praticantes e consistem em ações como projetar, derrubar, puxar, empurrar, controlar no solo dentre outros, possibilitando atuações como desequilibrar, excluir, controlar e fixar o adversário (Souza, 2024). Gostaria de concluir meu resumo com a reflexão profunda e incisiva sobre o lugar do corpo na educação por Petrúcia da Nóbrega, Doutora em Educação, que estuda a fenomenologia do corpo:

Pensar o lugar do corpo na educação em geral e na escola em particular é inicialmente compreender que o corpo não é um instrumento das práticas educativas, portanto as produções humanas são possíveis pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, dançar, jogar são produções do sujeito humano que é corpo. Desse modo, precisamos avançar para além do aspecto da instrumentalidade. O desafio está em considerar que o corpo não é instrumento para as aulas de educação física ou de artes, ou ainda um conjunto de órgãos, sistemas ou o objeto de programas de promoção de saúde ou lazer. (Nóbrega, p.610, 2005)

Referências bibliográficas

FERNANDES BATISTA, E.; LITVIN VILLAS BÔAS, R. AS ARTES CÊNICAS NA SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO: : A produção artística como forma de conhecimento. Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas, v. 10, n. 1, p. 28–46, 2023. DOI: 10.14393/issn2358-3703.v10n1a2023-03. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/67911>. Acesso em: 12 fev. 2025.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. Educ. Soc., Campinas, v. 26, ed. 91, 2005. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200015>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313716015>. Acesso em: 28 jan. 2025.

SOUZA, Rafael Silva de. Os jogos de luta corporal como conteúdo das aulas de Educação Física: um artefato pedagógico apoiado na pesquisa em Design Educacional. 2024. 178 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física) — Universidade de Brasília, Brasília, 2024. Disponível em: <http://www.rlbea.unb.br/jspui/handle/10482/51333>. Acesso em: 18 jan. 2025.